

A vintage black typewriter is positioned in the upper left corner of the image, resting on a dark wooden surface. To its right, a white sheet of paper is placed at an angle, featuring the text 'Concurso de Contos' in a large, black, serif font. A black pen lies horizontally on the right side of this paper. Scattered on the wooden surface are several pieces of crumpled white paper, suggesting a process of drafting or editing. The overall scene is lit with warm, natural light, highlighting the textures of the wood and paper.

Concurso de Contos

O UniBrasil integrou ao Projeto Mulheres Paranaenses um desafio a jovens escritoras, interessadas em apresentar contos inéditos exclusivamente em língua portuguesa com tema livre. O evento foi denominado Concurso de Contos Dirce Doroti Merlin Clève, em homenagem à professora, escritora e benemérita soroptimista,

O concurso tem como objetivos: valorizar a produção literária feminina; divulgar trabalhos de jovens escritoras; abrir a possibilidade de novas atividades; chamar a atenção de jovens para a elaboração atual de contos, que é atemporal.

CONCURSO DE CONTOS DIRCE DOROTI MERLIN CLÈVE 2015

A grande homenageada do concurso, professora Dirce Doroti Merlin Clève, falou sobre a iniciativa do UniBrasil. "Foi grandiosa, uma ótima oportunidade para nossas jovens escritoras, um incentivo a essas novas figuras da literatura. Todas as histórias eram boas e os títulos vencedores mexem com nossa imaginação. Isso é valoroso. O concurso, de modo geral, foi muito elogiado", comentou.

Nesse primeiro ano, o concurso recebeu quase cem textos, de seis estados brasileiros. Textos sérios, comoventes, engraçados, criativos, críticos, jocosos, irônicos, pungentes, gozadores, pessoais, assustadores.

Em muitos se destacou o domínio da boa escrita, essa filha diletta da boa leitura. Outros partiram de ideias criativas, mas seu desenvolvimento não apresentou a fluidez que se adquire com

a prática. Houve os que balançaram o coração dos jurados pela excelente qualidade, mas não cumpriram requisitos do concurso.

A Comissão Julgadora, presidida pela professora Ivone Ceccato, e formada pelos professores Jefferson Franco, Maura Martins, Rosana Franco e Wanda Camargo, selecionou e reavaliou 29 trabalhos previamente considerados excelentes, com alta qualidade com relação aos critérios de: Criatividade; Originalidade; Concisão; Precisão; Densidade; Unidade de Efeito. Após ampla discussão e análise das respectivas listas, deliberou pelos dez vencedores. Numa prova do elevado nível dos contos recebidos, ocorreu "empate" na pontuação dos sétimo, oitavo e décimo lugares; a Comissão optou por premiá-los em duplicidade, havendo então treze concorrentes que receberam certificados.

	Autora	Pseudônimo	Conto
1º lugar	Suzan Cristina dos Anjos	Maria Gedalva	"Num canto de jornal."
2º lugar	Caroline Aparecida dos Santos Fernandes	Batista Barbosa	"A batida dos dias."
3º lugar	Alanna Ajzental e Camargo	Rita Lovely	"Messias (ou O Cão)."
4º lugar	Kenya Sato	Kokeshi	"Ninho."
5º lugar	Julia Raiz do Nascimento	Ana C.	"Dizem que os orientais."
6º lugar	Karen Vaz Siqueira Alvares	Terê Alves	"O jogo do tempo."
7º lugar	Elis Daiana Moura de Oliveira	Elis Moura	"Davi."
7º lugar	Mayra Martins Guanaes	Mayra Guanaes	"Quinze minutos."
8º lugar	Carolina Goetten de Lima	Maitê Maria	"Entre as viagens do cotidiano."
8º lugar	Andressa Barichello	Nina Cello	"Conexões possíveis."
9º lugar	Joyce Ramos de Mesquita Gomes	Ártemis	"Ao seu lado."
10º lugar	Emanoelle Patente Santos	Ana Santos	"Fado Sertanejo."
10º lugar	Dauby Dominique de Castro Carvalho	Dominique Vulgo Dauby	"O Mímico e a Bailarina."

Infelizmente não foi possível contemplar todos os textos, mas todos são, verdadeiramente,

vencedores. O UniBrasil parabeniza todas estas jovens escritoras.

Num Canto de Jornal

Suzan Cristina dos Anjos

O cheiro do café fresco tomava pouco a pouco a atmosfera dos barracos da periferia paulistana. Um do lado do outro, encaixadinhos, de fácil contágio. Àquela hora, como de costume, bules, chaleiras, leiteiras faziam sua dança tonta nos fogões de grelhas envergadas pelo tempo. Sai de perto do fogão, menino! Já falei! Se essa água vira você fica igual o Vito, lá da Juraci, coitado. Corre lá fora, trocar a água da gordinha. A cadela magra, último presente do pai antes da despedida. Anda, faz o que a sua mãe tá mandando! As crianças já arrumadinhas para a escola, uniforme bem passado, recém remendado o rasgo no joelho, uma dica do que foi a última pelada. Eu já disse que isso sempre acaba mal! Uniforme é pra escola, chegou em casa tem que tirar! Olha o tamanho desses moleque, onde já se viu! Nessa idade eu tava era cuidando dos fio das vizinha que era pras vizinha cuidar dos fio das madame. Agora chega de chorar ou vou te dar motivo pra chorar de verdade! O cabelo, raspadinho, se menino, preso num coque alto, se menina. Ai mãe, não puxa assim! Mas se não puxar, logo espeta, menina! Quero ver voltar pra casa toda desgrenhada! Arruma o café, pega umas bolachas porque saco vazio não para em pé, calça o tênis dos meninos, porque as meninas aprenderam já faz muito, todo mundo escovar os dentes, as mochilas... está faltando meu estojo mãe, cadê meu estojo? Agora tchau, respeita sua irmã e presta atenção na avenida, pelamor de Deus.

Dado o último beijo, eram cinco no total, Cláudia começava a recolher, apressada, as roupas espalhadas pelo quarticozinha apelidado de casa. A louça, que consistia em copos ainda quentinhos, era lavada com agilidade. As migalhas voavam alto da toalha para o quintal

de mato aparado. As atividades matinais, bem como as vespertinas e noturnas, não exigiam qualquer pensamento, por isso o rádio relógio cantava desafinado desde o berro estridente de todas as seis da manhã. Era o seu momento preferido do dia. Enquanto um chiado Roberto Carlos enchia seus olhos de saudades, Cláudia arrumava em frente ao espelho o cabelo que o Doutor Nilto insistia em chamar de rebelde. Olha aí, Cláudia, assim fica feio pra empresa, cabelo rebelde, espetado, quem vai querer café de uma mulher descabelada assim? Cadê a caixa de grampos que eu te dei? Um a um, Cláudia espetava os araminhos no cabelo. No espelho, um rosto negro embranquecido pelo frio a encarava cansado. Os olhos brilhavam sempre e sempre brilhariam, como jabuticabas no pé. Ossudo, o rosto se destacava, tal qual uma pintura cubista, do corpinho frágil que o sustentava. Cláudia havia nascido há exatos trinta e oito anos e desde então podia jurar que cresceu apenas alguns centímetros. Naquela manhã, ninguém havia lembrado, nem mesmo ela, que nunca achou oportuno comemorar a data, que aquele dia era um dia comum mas também era o seu aniversário.

O ônibus passava às sete e vinte. Não costumava atrasar. No trabalho, a rotina de bules e aromas contagiantes se repetia sem descanso até o horário de tomar o ônibus de volta pra casa, às 17:35. Ali não tinha rádio que o Doutor Nilto dizia atrapalhar. Trabalho é trabalho, diversão é diversão. Às vezes papeava com a Berenice, da limpeza. Mas essa era uma coitada que só sabia grunhir e reclamar de dores nas costas. Brrr, hoje elas estão me matando. Lá pelo meio-dia as mãos lavavam xicarzinhas e pratinhos,

bandejas, colherinhas e açucareiros, enquanto a cabeça voltava pra casa dar almoço pros pequenos. A maiorzinha, já com quase onze anos, cuidava bem dos irmãos, graças a Deus. Mas era uma tristeza só desde o dia em que o Zeca avisou, Seu pai não volta mais, menina. No velório nem conseguiu chorar, a pobrezinha. Passava o dia abraçada na gordinha caçando as pulgas da cadela magricela. Entra pra dentro, menina, aí fora você vai é esfriar. Dizia Cláudia, redundante, quando quase de noite chegava em casa carregando a bolsa e um saco com cinco pãezinhos franceses da padaria da esquina. Entra pra dentro! Na empresa, o relógio demorava mais a caminhar, mas era agradecida por ter um bom emprego, graças a Deus, e por não faltar o de comer aos filhos e a ela.

O corpo mirrado, judiado do trabalho desde os sete anos e dos cinco partos seguidos, não era poupado das mãos pegajosas dos bichos que, espremidos nos ônibus lotados da hora da liberdade, roçavam, bolinavam e davam beliscões em bundas, coxas e xotas sem corpo e sem mãos. Era a volta pra casa. Um a um, presas e bichos desciam, até o ponto final. Economizado o dinheiro do lanche, a barriga já roncava alto. As dores de cabeça constantes, tinha aprendido, desde a primeira semana, a ignorar. Mas o som que produzia a barriga vazia, Que vergonha! Imagina alguém escutar? Na panificadora Pão Nosso o pão da manhã, no fim da tarde, tinha um bom desconto. Por sorte, Pão Nosso era pertinho do barraco de Cláudia, na esquina entre um galpão cheio de graxa, onde talvez funcionasse um desmanche de carros roubados, e uma Igreja chamada Congregação do Novo Amanhã, cujo pastor havia mudado de ramo após falir a sua barraca de frango assado e cerveja. Entre os pães feitos antes da alvorada, Cláudia escolhia cinco, dos mais moreninhos, e rumava satisfeita pra casa. Era feliz, apesar de tudo,

gostava do corre-corre das crianças, do barulho na casa, da algazarra que faziam quando chegava sacudindo a sacola dos pãezinhos morenos. Vem cá pra mãe dar um cheiro.

O dia 16 de junho era um dia normal, mas também era o aniversário dela, de Cláudia, que não se lembrava como era comemorar aquela data inoportuna. No dia 17 de junho, num canto de jornal, o dia 16 de junho seria lembrado como um dia normal, com perseguição policial contra três neguinhos acusados de roubar um carro e uma moto de vítimas do bairro Jardim Alto Matarazzo, que tiveram que seguir de táxi para a delegacia. Isso é Brasil, bradou um deles pelo iPhone 6 plus. O carro não foi encontrado, a moto não foi encontrada, os três suspeitos morreram todos no tiroteio, quem mandou revidar. Morreu também uma infeliz que saía de uma panificadora local com uma sacola suspeita nas mãos. Testemunhas alegam que a senhora Cláudia dos Santos, atingida por dois tiros à queima roupa, estava colaborando com a fuga dos suspeitos, escondendo armas usadas no crime, uma faca e um canivete suíço, na sacola supostamente cheia de pães. A polícia ainda tentou socorrer a acusada, que morreu em decorrência dos tiros, antes, prestem atenção, muito antes de ser arrastada, a-c-i-d-e-n-t-a-l-m-e-n-t-e, por 350 metros na Avenida Burity. Lá da Congregação do Novo Amanhã o pastor gritou, É tiro, é tiro! Todos se abaixaram enquanto escuro o sangue pintava quentinho o asfalto puído sem manutenção. No dia seguinte, a casa de Cláudia era silêncio e escuridão, o tilintar das chaleiras dançantes tardariam duas ou três semanas até que outra família alugasse os dois cômodos para ter onde se apertar. Sua mãe não volta mais, menina. A cadela vai ter que ficar, as brincadeiras também, no abrigo só cabe criança. E foram marchando, em fila indiana, para a kombi CT-SP. Mas isso não saiu no jornal.